

O debate marxista acerca da categoria “trabalho produtivo”

Amanda Aparecida Marcatti¹
Pedro Rozales Rodero Dominczak²

Resumo: Marx parte das determinações do trabalho produtivo em conteúdo, entendendo que trabalhar produtivamente significa produzir valores de uso. Porém, isso ainda não está explícito no início de sua principal obra (em especial no capítulo 5). Até ali, Marx não nos diz se o trabalho produtivo produz mais-valia ou não. Isso será feito no capítulo 14. Deste ponto em diante a análise de Marx passará a tratar o trabalho levando em consideração sua forma histórica: o trabalho sob o capitalismo. Atualmente, no campo marxista, existe um debate que envolve a interpretação a respeito desta categoria. O capitalismo operou inúmeras transformações no “mundo do trabalho”, obrigando, com isso, que esse conceito seja revisitado. Nesse sentido, o artigo, depois de tratar da categoria em Marx, procura analisar em três autores dessa vertente (Carcanholo, Lessa e Antunes) o que viria a ser trabalho produtivo. A metodologia utilizada será a de revisão bibliográfica de algumas das principais obras de Marx e Engels que tratam da temática, bem como as dos mencionados intérpretes.

Palavras-chave: Marx; trabalho produtivo; trabalhador coletivo.

Abstract: Marx, from determinations of productive work in content, understands that working productively means producing use-values. This is not explicit in the beginning of his major work (especially in chapter 5). Until then, Marx tells us that the productive labor produces surplus value or not. This will be done in Chapter 14. Thereafter, Marx's

¹ Mestre em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação, Conhecimento e Inclusão Social da UFMG. E-mail: amanda.apmarcatti@gmail.com.

² Doutorando no Programa de Pós-graduação em Política Social da UFES e professor do ensino médio. E-mail: pedro_lo@yahoo.com.br.

analysis will treat the work taking into account its historical form: labor under capitalism. Currently, in the Marxist camp, there is a debate that involves the interpretation regarding this category. Capitalism wrought many changes in the “world of work”, forcing it, that this concept is revisited. In this sense, the article then treat the category in Marx analyzes in three authors of this strand (Carcanholo, Lessa and Antunes) what would be productive work. The methodology used will be a literature review of some of the major works of Marx and Engels dealing with the subject, as well as those mentioned interpreters.

Keywords: productive work; Marx; value.

1. Introdução

Nem toda produção de valores de uso configura-se como produção capitalista. Isso não passa despercebido sob um olhar mais atento. A humanidade produzia bens para reproduzir-se socialmente muito antes do modo de produção capitalista impor-se como dominante no mundo. Essa produção de bens visava à satisfação “[...] das necessidades humanas, seja qual for a natureza, a origem delas, provenham do estômago ou da fantasia” (MARX, 2011, p. 57), como expressa Marx nas primeiras linhas de *O Capital*³.

A questão é que nem toda produção capitalista resulta na criação de valores de uso. Contudo não é o que nos diz Marx quando trata a

³ A discussão sobre o trabalho produtivo e improdutivo trata-se de um dos temas mais polêmicos da obra de Marx e isso tem sua razão de ser. Não existe um tratamento “sistemático” desse tema em lugar algum no conjunto dos escritos de Marx, que aparece de maneira mais desenvolvida e ocupando um espaço significativo no primeiro volume das *Teorias de Mais-Valia* e no chamado *Capítulo Inédito* de *O Capital*. Em ambos os casos, a questão do trabalho produtivo e improdutivo aparece sempre a partir do diálogo com outros economistas e, como não poderia deixar de ser, a argumentação se baseia na contraposição de Marx frente às posições deles. Nos *Grundrisse*, o tema é tratado aqui e ali, de maneira esparsa e sempre remetendo a algum aspecto muito particular do problema. Sempre é bom lembrar que todos esses textos são anotações pessoais não destinadas à publicação. Esse quadro justifica, em grande medida, a ausência de clareza em alguns aspectos no tratamento dessa questão por Marx (MACHADO, 2015).

respeito do *processo de trabalho* no capítulo 5 do livro I: “Processo de trabalho e processo de produzir mais-valia”. Em construção teórica, Marx parte do concreto para determinações abstratas. Em seguida retorna novamente para o concreto, tendo agora às mãos a síntese de novas (e abstratas) determinações. No capítulo 5, Marx trabalha ainda em um plano abstrato para, mais à frente, jogar suas abstrações sobre a realidade concreta do trabalho na produção capitalista. Este segundo movimento, no que diz respeito à discussão acerca do trabalho produtivo será realizado no capítulo 14⁴. Por ora, no capítulo 5, Marx ainda faz uma ressalva em nota de rodapé: “Essa concentração de trabalho produtivo, derivada apenas do processo de trabalho, não é de modo nenhum adequada ao processo de produção capitalista” (MARX, 2011, p. 215).

Este transcurso sob o qual Marx irá trabalhar não apenas a categoria *trabalho* e as categorias aí subjacentes (*trabalho produtivo, improdutivo e mais-valia, geração, transferência, apropriação* de valor), é o mesmo transcurso que dará a tônica de boa parte de sua obra. Marx parte do concreto em suas formas mais simples, para refleti-las idealmente como “concreto pensado”⁵. Empreendida esta operação

⁴ Esta ideia de estudar primeiramente o processo de trabalho em abstrato será explicitada por Marx no início do capítulo 14: “No capítulo 5, estudamos o processo de trabalho em abstrato, independente de suas formas históricas, como um processo entre o homem e a natureza” (MARX, 2011, p. 577). Trata-se de uma abstração, pois até ali não estavam presentes as mediações históricas; concretas. O que está presente é um processo de trabalho em abstrato: “Enquanto o processo de trabalho é puramente individual, um único trabalhador exerce todas as funções que mais tarde se dissociam. Ao apropriar-se individualmente de objetos naturais para prover sua vida, é ele quem controla a si mesmo; mais tarde, ficará sob o controle de outrem” (MARX, 2011, p. 577).

⁵ É importante indicar que a discussão acerca do trabalho produtivo (em oposição ao trabalho improdutivo) aparece em inúmeros momentos de *O Capital* e não apenas nos referidos capítulos. Indicamos também que a divisão em dois “níveis” da apresentação de Marx acerca desta categoria poderia contar com outros níveis, sem deturpar o que Marx quis indicar. Vinicius Oliveira Santos (2013), por exemplo, ao tratar da problemática em torno do “trabalho imaterial” em oposição ao “trabalho material” indica três níveis “conceituais” para a caracterização do que seria o trabalho produtivo para Marx. Os dois primeiros em completa concordância com o presente trabalho:

Marx irá retornar à realidade concreta como síntese de abstratas (e simples) com concretas (e complexas) determinações. Vejamos:

Meu método dialético, por seu fundamento, difere do método hegeliano, sendo a ele inteiramente oposto. Para Hegel, o processo de pensamento [...] é o criador do real, e o real é apenas sua manifestação externa. Para mim, ao contrário, o ideal não é mais do que o material transposto para a cabeça do ser humano e por ele interpretado (MARX *apud* NETTO, 2011, p. 21).

Assim, para Marx, a teoria seria,

[o] movimento real do objeto transposto para o cérebro do pesquisador – é o real reproduzido e interpretado no plano ideal (do pensamento). [...] para Marx, o objeto da pesquisa (no caso a sociedade burguesa) tem existência objetiva; não depende do sujeito, do pesquisador, para existir. O objetivo do pesquisador, indo além da aparência fenomênica, imediata e empírica – por onde necessariamente se inicia o conhecimento, sendo essa aparência um nível da realidade e, portanto, algo importante e não descartável –, é apreender a essência (ou seja: a estrutura e a dinâmica) do objeto. Numa palavra: o método de pesquisa que propicia o conhecimento teórico, partindo da aparência, visa alcançar a essência do objeto. (NETTO, 2011, p. 21 – 22).

Assim, o objetivo deste artigo é analisar o que podemos compreender por “trabalho produtivo” na atualidade a partir das

1) “[...] o processo de trabalho sob a forma de simples produção de valores de uso” e 2) “[...] o processo de trabalho na ordem do capital”. A estes dois níveis, o autor soma ainda um terceiro que julgamos pertinente e necessário: 3) “[...] a exploração da capacidade de trabalho socialmente combinada” (SANTOS, 2013, p. 98), mas que, pelos propósitos do presente artigo, não será possível desenvolver aqui.

indicações feitas por Marx em *O Capital*. Para atingir este objetivo tentaremos, ainda que de forma sucinta, acompanhar o mesmo percurso de Marx, partindo da aparência, para chegar à essência. Desta forma, o objeto do artigo é o próprio conceito de trabalho produtivo. A metodologia utilizada foi a revisão bibliográfica de alguns capítulos de *O Capital* que tratam diretamente desta categoria e de alguns trabalhos de relevância no interior do campo marxista que têm como objeto o trabalho produtivo.

O que significa produzir valor de uso na sociedade capitalista atual? Quais os tipos de trabalho (e funções) que contribuem para a auto expansão do capital? Que produz mais-valia? Essas questões são capazes de responder o que é o trabalho produtivo, ou são necessárias novas determinações? Com base nestas questões tentaremos entender, atualmente, o que é o trabalho produtivo.

2. O trabalho como intercâmbio material entre o ser humano e a natureza: o trabalho que produz valores de uso

Como vimos, ainda no capítulo 5 da principal obra de Marx, temos que do ponto de vista do conteúdo os elementos constitutivos do processo de trabalho são: “[...] 1) a atividade adequada a um fim, isto é, o próprio trabalho; 2) a matéria a que se aplica o trabalho, o objeto de trabalho; 3) os meios de trabalho, o instrumental de trabalho” (MARX, 2011, p. 212). Até aqui, Marx entende o processo de trabalho como:

[...]um processo de que participam o homem e a natureza, processo em que o ser humano, com sua própria ação, impulsiona, regula e controla seu intercâmbio material com a natureza. Defronta-se com a natureza como uma de suas forças. Põe em movimento as forças naturais de seu corpo – braços e pernas, cabeça e mãos –, a fim de apropriar-se dos recursos da natureza, imprimindo-lhes forma útil à vida humana (MARX, 2011, p. 211).

Fixando como ponto de partida as abstrações referentes ao conteúdo material do processo de trabalho, temos aqui uma ilustrativa citação que parece dar conta do que pretende Marx neste capítulo 5:

O processo de trabalho, que descrevemos em seus elementos *simples e abstratos*, é atividade dirigida com o fim de criar valores-de-uso, de apropriar os elementos naturais às necessidades humanas; é condição necessária do intercâmbio material entre o homem e a natureza; é condição natural eterna da vida humana, sem depender, portanto, de qualquer forma dessa vida, sendo antes comum a todas as suas formas sociais. Não foi, por isso, necessário tratar do trabalhador em sua relação com outros trabalhadores. Bastaram o homem e seu trabalho, de um lado; a natureza e seus elementos materiais, do outro (MARX, 2011, p. 218, *grifos nossos*).

Feita esta primeira caracterização acerca do trabalho produtivo em suas dimensões *simples e abstratas*, devemos agora entendê-lo sob uma perspectiva histórica. Encontrar as *formas* sob as quais ele se apresenta.

3. O trabalho produtivo sob o capitalismo

No capítulo 14, Marx irá demonstrar como o processo de trabalho que pertencia a um trabalhador isolado que conjugava “todas as funções” utilizando “cabeça e mãos” tornar-se-á produto de um trabalhador coletivo e que o produto executado por esse trabalhador coletivo será agora um “produto social”. Assim, justamente, o “trabalho do cérebro e o das mãos” irá se separar e se “tornar hostilmente contrários”. Com isso o produto do trabalho:

[...] deixa de ser o resultado imediato da atividade do produtor individual para tornar-se produto social, comum, de um trabalhador coletivo, isto é, de uma combinação de trabalhadores, podendo ser direta ou indireta a participação de cada um deles na manipulação do objeto sobre que incide o trabalho. A conceituação do trabalho produtivo e de seu executor, o trabalhador produtivo, *amplia-se em virtude desse caráter cooperativo do processo de trabalho*. Para trabalhar produtivamente não é mais necessário executar uma tarefa de manipulação do objeto de trabalho; basta ser órgão do trabalhador coletivo, exercendo qualquer uma das suas funções fracionárias (MARX, 2011, p. 577, *grifos nossos*).

Assim, Marx complementa o que havia indicado no capítulo 5. Agora, no capítulo 14, a caracterização anterior de trabalho produtivo continua válida apenas para o “trabalhador coletivo”, considerado em seu conjunto. Mas não apenas para cada um de seus membros isoladamente. Neste caso, serão necessárias novas mediações como veremos à frente.

A conceituação anterior de trabalho produtivo, derivada da natureza da produção material, continua válida para o trabalhador coletivo, considerado em conjunto. Mas não se aplica mais a cada um de seus membros, individualmente considerados (MARX, 2011, p. 577).

Dessa forma, consideramos correta a afirmação de Carcanholo⁶ ao afirmar que, no capítulo 14 o conceito de trabalho produtivo amplia-se (como Marx deixa claro acima), mas também se restringe. Vejamos:

⁶ “Já vimos, então, o que é trabalho produtivo do ponto de vista do conteúdo material. Mas, como ele se caracteriza do ponto de vista da forma, do ponto de vista do *processo de valorização* capitalista? Isso fica explicado por Marx nos seus vários manuscritos e, em particular, no capítulo 14 do livro I d’ *O Capital*. No mencionado capítulo, o autor vai afirmar que do ponto de vista da *forma*, a categoria se restringe e se amplia ao mesmo tempo” (CARCANHOLO, mimeo, p. 5).

Ademais, restringe-se o conceito de trabalho produtivo. A produção capitalista não é apenas produção de mercadoria, ela é essencialmente produção de mais-valia. O trabalhador não produz para si, mas para o capital. Por isso, não é mais suficiente que ele apenas produza. Ele tem de produzir mais-valia. Só é produtivo o trabalhador que produz mais-valia para o capitalista, servindo assim à autoexpansão do capital. (MARX, 2011, p. 578).

E isso se explica justamente porque, ao lado da determinação abstrata do conteúdo material do trabalho (produtivo) que produz valores-de-uso é necessário, agora, a determinação da forma social que adquire a produção de valores-de-uso. No capitalismo, para ser trabalho produtivo, o trabalhador precisa alimentar o capital (e o capitalista). Com isso, o trabalho produtivo deixa de ser uma relação entre o ser humano e a natureza para tornar-se uma relação social entre trabalhadores “como instrumentos para criação de mais-valia”.

Neste sentido, trabalhar produtivamente, no capitalismo, significa produzir valores-de-uso, mas também contribuir para a autoexpansão do capital. Assim, dois aspectos neste ponto são relevantes na análise de Marx:

1) Que a sociedade tenha atingido certo nível de produtividade, e que;

2) A satisfação das necessidades sociais oscile de país para país, e também de região para região no interior dos países e entre países.

Quanto ao primeiro ponto, Marx parece estar interessado em encontrar o papel que a produção de excedente tem na determinação do trabalho produtivo sob o capitalismo. Mas, para além do capitalismo, Marx mostra o papel que a geração de excedente tem na determinação do trabalho produtivo em outros modos de produção. E isso nos indica que o tratamento da categoria trabalho produtivo começa a se delinear predominando os traços de sua forma histórica e social antes mesmo da existência da produção sob o regime capitalista. O trabalho produtivo

deixa de ser o intercâmbio material entre o ser humano e a natureza já antes do capitalismo.

Quanto ao segundo ponto, Marx parece apenas “limpar o terreno”, mostrando o quanto a diferença no desenvolvimento das forças produtivas implica na determinação do trabalho produtivo. Mas que, mesmo assim, sob o capitalismo, a determinação da *forma social* começa a ganhar predominância sob a determinação do *conteúdo* como *abstração*: da produção de valores-de-uso (em geral). Vejamos:

As forças produtivas naturais do trabalho, do mesmo modo que suas forças produtivas sociais, historicamente desenvolvidas, parecem ser forças produtivas do capital ao qual o trabalho se incorpora (MARX, 2011, p. 584).

Com base nessas considerações e levando-se em conta essa última afirmativa é que devemos compreender o debate contemporâneo que é travado acerca do trabalho produtivo.

4. A caracterização do trabalho produtivo na sociedade atual: o debate contemporâneo

O que significa produzir valor de uso na sociedade capitalista atual? Quais os tipos de trabalho (e funções) que contribuem para a auto expansão do capital? Que produz mais-valia?

Carcanholo interpreta a categoria trabalho produtivo de forma ampla, incluindo dentro do trabalho produtivo uma série de atividades (e conseqüentemente categorias de trabalhadores). Faz essa leitura com base nos mencionados capítulo 5 e 14 do livro I, nos *Grundrisse*, nas “Teorias da Mais-Valia” (publicada como anexo de *O Capital*, e que nos é conhecida com o nome de *Aditamentos*) e nos manuscritos que mais tarde darão origem ao *Capital* e que serão publicados como: *Capítulo VI – Inédito*.

De outro lado, mas dentro da mesma perspectiva marxista, Lessa teria uma visão mais “restrita” do trabalho produtivo. Preocupado com o debate sobre a centralidade do trabalho, este autor quer mostrar que existe uma “diferenciação da função social do proletariado e dos outros assalariados fundada na distinta inserção na estrutura produtiva de cada classe social” (LESSA, 2005, p. 106). Faz esta interpretação com base, exclusivamente, em *O Capital*. Entende que a utilização destes outros manuscritos (como os *Grundrisse* e o *Capítulo VI – Inédito*): “têm servido para desautorizar o texto publicado por Marx [*O Capital*] e que, política e teoricamente, têm servido para revogar a centralidade do proletariado para superação do capital” (LESSA, 2005, p. 106).

Antunes é outro autor selecionado para este debate que trata da categoria *trabalho produtivo* em algumas de suas obras⁷. Mais próximo, a nosso ver, da concepção de Carcanholo, o propósito de Antunes é “ampliar” a noção de *classe trabalhadora*.

A classe que vive do trabalho, a classe trabalhadora, hoje, inclui a totalidade daqueles que vendem sua força de trabalho, tendo como núcleo central os trabalhadores produtivos – no sentido dado por Marx, especialmente no *Capítulo VI, Inédito* (ANTUNES, 2009, p. 102).

Este debate, que não fica restrito a estes autores, encontra neles, basicamente, três eixos de discussão:

- 1) A caracterização entre forma e conteúdo realizada por Marx nos capítulos 5 e 14 de *O Capital*;
- 2) O papel do trabalhador coletivo na determinação do trabalho produtivo;
- 3) A reprodução do capital sob o ponto de vista da totalidade.

⁷ Além das referências do autor utilizadas neste artigo (ANTUNES, 2009), Antunes trata das dimensões do *trabalho* em Antunes (1995).

5. Forma e conteúdo: produção de valores-de-uso e produção de mais-valia

Fazendo o mesmo percurso utilizado por nós até aqui, partindo do capítulo 5 chegando até o 14 do livro I, Lessa entende que, “Para o capital, será produtivo todo e qualquer trabalho que produza mais-valia, seja ele ou não intercâmbio orgânico com a natureza” (LESSA, 2005, p. 111).

Com isso, podemos afirmar que, em ambas as interpretações, a necessidade do trabalho produtivo ser intercâmbio material (ou orgânico) com a natureza não se aplica mais sob a vigência do capitalismo. O que concordamos inteiramente pelo fato desta concepção mais se aproximar ao exposto por Marx no capítulo 14. E, fundamentalmente, pelo fato de que, em uma complexa sociedade capitalista, inúmeras mediações interpõem-se entre o ser humano e a natureza, sem que esta barreira que liga estes dois extremos seja, contudo, superada em definitivo (LUKÁCS, 2013).

Esta premissa fica sendo válida apenas para os propósitos do capítulo 5 quando Marx trabalha ainda em uma dimensão abstrata, quando tratava do trabalho produtivo como a produção de valores-de-uso. Quando sua análise passa a levar em conta as determinações históricas, sua concepção de trabalho produtivo também se modifica: “Para a reprodução do capital, o que importa é primordialmente a produção de mais-valia [...]. Para o capital, será produtivo todo e qualquer trabalho que produza mais-valia, seja ele ou não intercâmbio orgânico com a natureza” (LESSA, 2005, p. 111). Isso não significa afirmar que se exclua a necessidade de que o trabalho tenha de produzir valor de uso. Porém, com o capitalismo, aumentam-se as premissas: para ser trabalho produtivo, o trabalhador tem de produzir valor-de-uso e mais-valia, não necessitando ser ele, “intercâmbio orgânico com a natureza”.

6. Trabalhador coletivo e trabalho imaterial: diferenças interpretativas

Ainda com base no capítulo 14, Lessa entende ser a oposição entre o trabalho manual e intelectual fundante do trabalhador coletivo:

O trabalho intelectual, na divisão social do trabalho da qual o trabalhador coletivo é uma característica essencial, é “oposto como inimigo” ao trabalho manual. E isto, acrescentamos, é um dos fenômenos mais duradouros e com consequências mais perversas dos processos alienantes fundados no capital (LESSA, 2005, p. 108)

E acrescenta:

[...] O fato de o trabalhador intelectual ser crescentemente um assalariado em nada altera esta sua função social sob a regência do capital: é momento e expressão das alienações que cindem o trabalho manual do intelectual e fazem, deste, mediação para o controle daquele (LESSA, 2005, p. 109)

Neste sentido existe uma clara diferença na ênfase dada por Lessa em relação a de Carcanholo, para quem, para ser produtivo, o trabalhador não precisa necessariamente “botar a mão na massa”:

Isso significa concretamente que, se antes, era necessário “botar a mão na massa” para ser trabalho produtivo ou, em outras palavras, tocar diretamente na matéria prima através dos meios de trabalho, agora, uma série de serviços realizados por trabalhadores assalariados deve ser considerada parte do que realiza o *trabalhador coletivo*. Entre outros desses serviços

podemos citar, na construção civil, os trabalhos dos arquitetos, engenheiros, projetistas, calculistas, desenhistas, decoradores. Todos esses serviços são realizados por trabalhadores que fazem parte do *trabalhador coletivo* (CARCANHOLO, *mimeo*, p. 6, *grifos do autor*).

Neste aspecto devemos ressaltar também a concepção de Antunes, que, como mencionado, tem uma concepção mais próxima à de Carcanholo. Para ele, a “classe que vive do trabalho”:

[...] não se restringe, portanto, ao trabalho manual direto, mas incorpora a totalidade do trabalho social, a totalidade do trabalho coletivo assalariado. Sendo o trabalhador produtivo aquele que produz diretamente mais-valia e participa diretamente do processo de valorização do capital, ele detém, por isso, um papel de centralidade no interior da classe trabalhadora, encontrando no proletariado industrial o seu núcleo principal (ANTUNES, 2009, p. 102).

Os três autores referenciam-se no que Marx irá afirmar no início do capítulo 14 e, à exceção de Lessa, também buscam elementos no *Capítulo 6 (Inédito)*. No capítulo 14, como visto na primeira parte deste artigo, Marx irá demonstrar que o processo de trabalho que pertencia a um trabalhador isolado que conjugava “todas as funções”, “cabeça e mãos”, tornar-se-á produto de um trabalhador coletivo, e que o produto executado por esse trabalhador coletivo será agora um “produto social”. E que, justamente o “trabalho do cérebro e o das mãos” irá se separar e se “tornar hostilmente contrários” (MARX, 2011, p. 577). E que, “Para trabalhar produtivamente não é mais necessário executar uma tarefa de manipulação do objeto de trabalho; basta ser órgão do trabalhador coletivo, exercendo qualquer uma das suas funções fracionárias” (MARX, 2011, p. 577).

Ainda que Lessa enfatize a oposição como “inimigos” entre o trabalhador manual em relação ao intelectual, demonstrando que ambos estão sob a “regência” (e controle) do capital, em nada difere aqui da argumentação exposta por Carcanholo (*mimeo*, p. 6) que enfatiza a não-necessidade de todos os integrantes desse trabalhador coletivo “executar[em] uma tarefa de manipulação do objeto de trabalho” para trabalharem produtivamente.

E, neste sentido, também não há discordâncias da concepção exposta de Antunes que, como vimos irá demonstrar que a classe que vive do trabalho “[...] não se restringe, portanto, ao trabalho manual direto, mas incorpora a totalidade do trabalho social, a totalidade do trabalho coletivo assalariado” (ANTUNES, 2009, p. 102). A conclusão à qual chega, e que nos parece pertinente é que:

Portanto, o trabalhador produtivo, onde se encontra o proletariado, no entendimento que fazemos de Marx, não se restringe ao trabalho manual direto (ainda que nele encontre seu núcleo central), incorporando também formas de trabalho que são produtivas, que produzem mais-valia, mas que não são diretamente manuais (ANTUNES, 2009, p. 102).

Tanto o trabalhador manual quanto o intelectual, nesse sentido, poderiam ser caracterizados como trabalhadores produtivos, desde que, integrantes do trabalhador coletivo criado pelo desenvolvimento do capitalismo.

Será algumas páginas à frente que o texto de Lessa dará uma virada da qual discordamos. Vejamos:

Como, no mesmo parágrafo, Marx já nos havia adiantado que o trabalhador coletivo é um modo de controle do trabalho pelo capital em que o trabalho intelectual e o manual são “opostos” como “inimigos”, a expressão “mais perto ou mais distante” tem em Marx limites explícitos: *do trabalhador coletivo não fazem parte*

os trabalhadores intelectuais. Apenas aqueles produtores da mais-valia que se relacionam com a manipulação do objeto do trabalho compõem o trabalhador coletivo (LESSA, 2005, p. 115, grifos nossos).

Discordamos por entender que Marx nos diz justamente o contrário e, ademais, por acreditar que essa explicação a seguir é mais adequada como ferramenta interpretativa da lógica capitalista atual que o entendimento contrário: de que os trabalhadores intelectuais estariam fora da produção de mais-valia e, conseqüentemente, não poderiam ser considerados produtivos. Mais uma vez, reproduzimos aqui o que nos diz Marx:

Para trabalhar produtivamente não é mais necessário executar uma tarefa de manipulação do objeto de trabalho; basta ser órgão do trabalhador coletivo, exercendo qualquer uma das suas funções fracionárias (MARX, 2011, p. 577).

Nas linhas imediatamente seguintes encontraremos algo que nos parece como uma contradição com as linhas anteriores. Lessa irá afirmar que, “[...] nem todo trabalhador produtivo é partícipe do trabalhador coletivo, ainda que todo trabalhador coletivo necessariamente seja um trabalhador produtivo de mais-valia” (LESSA, 2005, p. 11). Fazemos então a pergunta: como pode todo trabalhador pertencente ao trabalhador coletivo ser produtivo, sem que os trabalhadores “intelectuais” estejam aí inclusos? A única resposta possível a essa questão é excluir do trabalhador coletivo todo e qualquer trabalhador intelectual. E é exatamente a este recurso que recorre Lessa: “Apenas aqueles produtores da mais-valia que se relacionam com a manipulação do objeto do trabalho compõem o trabalhador coletivo” (LESSA, 2005, p. 115).

O objetivo deste artigo não foi o de estender esta discussão acerca da materialidade em oposição à imaterialidade da categoria “trabalho produtivo” em Marx. Contudo, fazemos uma rápida ressalva.

Como nos mostra Santos (2013), Marx marca uma inflexão dentro do pensamento econômico clássico para o qual, para ser trabalhador produtivo era necessário produzir bens materiais. Contudo, “[...] A teorização marxiana fornece a esses dois elementos [*produção de valor e produção material*] existências diferentes entre si, porém, com possibilidade inter-relacional” (SANTOS, 2013, p. 58). Elemento com o qual concordamos inteiramente. Para ser trabalhador produtivo não é necessário produzir um bem (mercadoria) material.

Considerações finais

Levantamos alguns argumentos em torno da clássica discussão acerca da “categoria trabalho” produtivo em Marx. Tomamos como referência três relevantes autores marxistas contemporâneos com vistas a demonstrar que este debate opõe diametralmente autores dentro da mesma perspectiva. Concluímos que os pontos de vista adotados por Carcanholo e Antunes (ainda que comportem diferenças entre si) são, nos aspectos centrais, mais adequados para enfrentar os desafios atuais colocados à classe trabalhadora pelo movimento do capital. E, centralmente, a produção de mais-valia que caracteriza o trabalho produtivo deve estar articulada ao “ponto de vista da totalidade”, ou seja, deve levar em conta o excedente de valor que é apropriado pelo capital. Sem essa consideração, a análise perde-se em reducionismo que, a nosso ver, tem um correspondente direto no dogmatismo. Atualmente, interpretar a categoria trabalho produtivo deve levar em conta, também, as consequências que o atual movimento do capital lança para a humanidade:

- 1) Uma fragmentação da classe trabalhadora, bem como uma reestruturação nas relações entre o trabalho e o capital;
- 2) A precarização nas relações sociais produtivas (mas também no interior dos setores ligados ao capital comercial e a juros);
- 3) E, por fim, uma submissão da esfera produtiva (e da esfera comercial) pela esfera financeira global.

Estes aspectos combinados reorganizam a classe trabalhadora e, no interior dela, os trabalhadores produtivos. A interpretação da teoria do valor, nestas circunstâncias, torna-se fundamental para a apreensão da estrutura e da dinâmica interna da reprodução do capital.

Diametralmente oposta, apresentamos a concepção de Lessa que entende que:

Na maior parte das vezes, senão em todas, em que encontramos, hoje em dia, propostas de “ampliação” do conceito marxiano de trabalho, elas giram ao redor da hipótese de que o trabalho intelectual, após a reestruturação produtiva, também seria produtor do “conteúdo material da riqueza social” (LESSA, 2005, p. 120).

Decididamente, o artigo toma posição pela necessidade da interpretação se adaptar às exigências colocadas pelo movimento do capital sem, contudo, “abrir mão” do rigor e da dialética marxistas. A “ampliação” da categoria *trabalho* deve decorrer como procedimento derivado da ampliação prática, no “movimento do real”, instituído pelo capital, de ampliação da classe trabalhadora. A recusa ou inversão a esse procedimento é uma negação aos próprios preceitos marxistas. Não é o pesquisador que “impõe” a existência da “ampliação” ou “redução” da classe trabalhadora, “[...] para Marx, o objeto da pesquisa (no caso a sociedade burguesa) tem existência objetiva; não depende do sujeito, do pesquisador, para existir” (NETTO, 2011, p. 21). Com isso, ela é um dado da realidade.

Bibliografia

ANTUNES, Ricardo. *Sentidos do trabalho*. São Paulo: Boitempo, 2009.
_____. *Adeus ao trabalho*. São Paulo: Cortez, 1995.

- CARCANHOLO, Reinaldo. "A categoria marxista de trabalho produtivo". Mimeo. Disponível em: <<http://www.fag.edu.br/professores/rkrupiniski/PDF%20A%20categoria%20marxista%20de%20trabalho%20produtivo.pdf>>. Acesso em: 15 de julho de 2014.
- LESSA, Sergio. "'Centralidade ontológica' do trabalho e 'centralidade política' proletária". *Revista do NEILS (Núcleo de Estudos de Ideologias e Lutas Sociais)*, São Paulo, v. 13 e 14, p. 106-121, 2005. Disponível em: <http://www.pucsp.br/neils/downloads/v13_14_lessa.pdf>. Acesso em: 10 de julho de 2014.
- LUKÁCS, György. *Para uma ontologia do ser social II*. São Paulo: Boitempo, 2013.
- MACHADO, Gustavo Henrique Lopes. "Trabalho produtivo e improdutivo: a mercadoria". *Diário da Liberdade*, 2015. Disponível em: <<http://www.diarioliberalidade.org/opiniom/opiniom-propia/58509-trabalho-produtivo-e-improdutivo-a-mercadoria-parte-1.html>>. Acesso em 23 de novembro de 2015.
- MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. Livro I, v. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- _____. "Capítulo VI (Inédito)". In: ANTUNES, R. *Dialética do trabalho*. São Paulo: Expressão Popular, 2004.
- NETTO, José Paulo. *Introdução ao estudo do método*. São Paulo: Expressão Popular, 2011.
- SANTOS, Vinícius Oliveira. *Trabalho imaterial e teoria do valor em Marx*. São Paulo: Expressão Popular, 2013.